



Moraes: "Problemático"



Fábio Magalhães isenta-se



Acioly: "Perde espaço"

Idéia do seminário pega mal

MARIA DO ROSÁRIO
CAETANO
Editoria de Cultura

Cineastas e cineclubistas brasilienses não gostaram da proposta de Festival, defendida por Marlos Nobre, diretor-executivo da Fundação Cultural do DF, no CORREIO BRAZILIENSE, no último sábado. Declarações como "seminário quase científico", "quem quiser vir que venha e pague sua passagem", "um festival de debates com uma tônica antipiscina" causaram espanto.

José Acioly, 56 anos, professor de Física na UnB e autor dos filmes *Cruviana* e *A Terceira Margem*, (que participou do Festival, ano passado), acha que "é impossível fazer festival sem badalação", pois "ele perde espaço na mídia e fica sem repercussão". Como cientista, Acioly tem "a maior simpatia pela realização de seminários paralelos à mostra competitiva, que debrucem com firmeza sobre o cinema brasileiro como arte e técnica". Mas discorda de se planejar um festival que seja "um seminário quase científico".

— "Seminário é uma das muitas atividades que devem ser abrigadas por um festival. O ideal é conjugar a badalação com a reflexão. Ai sim, o certame ocupa espaço na mídia e ajuda no desenvolvimento estético do cinema brasileiro", diz cioly.

Antenor Gentil Júnior, 35 anos, representante em Brasília do Conselho Nacional de Cineclubes e coordenador, no DF, do projeto cinematográfico do Serviço Social do Comércio (Circuito Sesc), define a proposta de Marlos Nobre como "absurda". Afinal, justifica-se, "um festival, como indica o próprio nome, é uma festa, uma festa que pode — e deve — ser enriquecida com reflexão".

— Por que badalação e mundanismo são incompatíveis com reflexão, pergunta Júnior, e responde: "é possível conciliar tudo, desde que haja boa coordenação e empenho em conseguir verbas para a promoção de atividades múltiplas, como mostra de curtas, reunião de cineclubistas, de documentaristas, de pesquisadores, de técnicos, além da mostra competitiva.

Antenor, que representou o movimento cineclubista em reunião promovida por Marlos Nobre em 25 de março último, está preocupado com a falta de consulta às entidades.

— Depois daquela reunião, marcou-se uma nova reunião para o dia dois de maio.

tão. A primeira reunião parece nem estar sendo levada em conta, pois a nova proposta a contraria.

Júnior acredita que Marlos Nobre, alterou seus planos e está prometendo "um festival franciscano", por falta de ousadia. Ele não está sabendo, supõe o cineclubista, "bater nas portas certas para conseguir os recursos necessários à promoção de um festival à altura de sua tradição (20 edições em 24 anos de história) e do interesse que a comunidade demonstra por ele".

MÍDIA

Fábio Magalhães, 51 anos, diretor-geral da Embrafilme, se isenta de responsabilidade na nova definição de proposta do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Ele garante que não foi responsável, junto com Afonso Beato, presidente da Fundação do Cinema Brasileiro, pela inoculação do vírus de festival — seminário científico na cabeça de Marlos Nobre. "Ainda não me reuni com Marlos Nobre, mas deverei fazê-lo semana que vem. Vamos conversar, trocar idéias e unir esforços para realizar um ótimo festival".

Magalhães faz, então, questão de esclarecer declaração sua ao *Jornal do Brasil*, onde teria dito que "Romance, de Sérgio

Bianchi, e *O Mentiroso*, de Werner Schunemann, rejeitados pela comissão de seleção de Gramado, seriam concorrentes do XXI Festival de Brasília".

— Houve uma pequena distorção na matéria. Em momento algum eu disse que estes filmes iriam participar do certame brasiliense. Disse, isto sim, que eles podiam participar. Sei que o Festival é autônomo e tem suas comissões que selecionam os concorrentes. Jamais tive intenção de ingerência em festivais, seja o de Gramado, seja o de Brasília.

Com relação ao caráter "quase científico" do próximo Festival, Magalhães comenta: "o ideal é conjugar o aspecto comercial do cinema, que é uma indústria, com o lado cultural, de debate e reflexão. Do ponto de vista da Embrafilme, é importante promover os filmes na mídia e neste sentido a badalação é importante".

Geraldo Moraes, 48 anos, professor da UnB, diretor do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa) e autor dos longas *A Difícil Viagem* e *O Círculo de Fogo*, que pode ser um dos concorrentes da mostra competitiva (fica pronto no final de setembro), vê aspectos positivos e negativos na proposta de Marlos Nobre.

De positivo, ressalta "a preocupação com a reflexão". O fato de se cobrar "trabalhos escritos" dos participantes dos seminários também é defendido por Moraes: "Isto acaba com a prática do improviso, da repetição e do pouco aproveitamento de palestras inventadas na hora". O cineasta, porém, tem como "problemática" a possível transformação do Festival num cinematográfico.

— Não consigo entender um festival que não tenha caráter festivo, de congraçamento entre os realizadores, atores e técnicos. Infelizmente, nós só nos encontramos quando estamos realizando um filme. E aí, as condições são tão precárias, que nem temos tempo para fazer novos projetos, discutir idéias, buscar soluções.

Por fim, Geraldo faz questão de rejeitar a discriminação de estrelas, que acha descabida: "Da forma como está colocado no jornal, tem-se um enorme preconceito contra atores e atrizes. Eles são as estrelas de beira de piscina e não serão convidados por não terem papel a cumprir num festival voltado para a reflex-ao. Isto é um

Frases do maestro

Algumas idéias do maestro Marlos Nobre sobre o XX Festival do Cinema Brasileiro de Brasília:

"Um seminário quase científico, uma perspectiva diferente do de Gramado ou do FestRio, canalizado principalmente para a reflexão"

"Quem quiser vir, que venha e pague sua passagem"... disse Nobre que pretende forçar a idéia de Brasília como "cabeça pensante do País".

Quanto aos custos, o festival será "o mais franciscano possível. Queremos um festival de debates, com uma tônica antipiscina".